

Um outro retrato: imagens, narrativas e espaço urbano¹

Rubens Venâncio²

Mestrando em Sociologia (UFC) e Fotógrafo

Resumo: Com a pesquisa inserida num contexto de transformações do espaço urbano, memória e as histórias de vida dos canoeiros do rio Acaraú, a imagem surge como aporte teórico-metodológico na construção da *experiência etnográfica* (CLIFFORD, 1994). Canoeiros, que apesar das *construções do concreto*, e de restarem apenas sete, continuam dando continuidade a seu trabalho transportando pessoas de uma margem a outra. Se *é pela mediação dos sentidos e seus suportes que a vida social é viável* (MENEZES, 2005) penso na relação do olhar com o mundo, culturalmente gerado na experiência do cotidiano. Num enlace da imagem com atividades cotidianas, atores sociais, memória, ato fotográfico e contextos sócio-culturais, a fotografia surge como documento interpretativo e como narrativa na compreensão da experiência humana.

Palavras-chave: imagens, fotografia e memória

Nesse artigo proponho tecer algumas reflexões sobre os lugares da fotografia na prática de pesquisa. Um lugar de destaque na pesquisa etnográfica, assim como a própria fotografia construindo um lugar que agencia discussões sobre memória, tempo, cultura, linguagem, imaginação.

Tratar da fotografia no contexto do trabalho de campo é enriquecê-la com as descobertas da observação sensível e ao mesmo tempo deixá-la atuar na investigação, como um instrumento. Como a fotografia possui presente, passado e futuro (acredito eu) ela carrega uma densidade que a situa além do próprio trabalho de campo e da antropologia no tocante a seus usos, funções e papéis desempenhados ao longo do tempo na vida cotidiana. Digamos que ela está além, mas reflexivamente relacionando-se com outros conhecimentos, sem hermetismos ou demarcações de área.

Na minha pesquisa *Os canoeiros do rio Acaraú: narrativas, memória e imagem* a fotografia vem ocupando um lugar de importância pelo papel que desempenha: como instrumento de investigação, ativador da memória e pela mediação da experiência etnográfica por outra expressividade. Ainda, levantando dúvidas e exigindo cuidados.

Os últimos sete canoeiros do rio Acaraú - situado na cidade de Sobral/CE - estão ameaçados pelas transformações no espaço urbano, cujas intervenções modificam

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Essa pesquisa tem o apoio financeiro da CAPES.

substancialmente o espaço onde trabalham a mais de um século. Esse ofício está misturado a própria história de Sobral e do rio, o que faz de suas memórias e trajetórias de vida uma fonte única de conhecimento.

Mas que entrelaçamentos podem surgir entre fotografia, oralidade e memória, por exemplo? Existem pontos de aproximação?

A fotografia divide espaços com essas e outras questões. Quando lido com a memória posso usar fotos antigas como fonte de pesquisa, buscando indícios que levam a questões da minha pesquisa ou identificar algum acontecimento relatado pelos canoieiros. Nas entrevistas as fotos de arquivo ajudam a lembrar fatos, a despertar a memória, aumentando a margem de diálogo com os informantes.

Os canais de diálogo são ampliados quando fotos são produzidas durante a pesquisa, onde os canoieiros dão opiniões, fazem perguntas e tecem alguma referência com o passado já distante. Seu Valécio, canoeiro de 80 anos, ao ver uma foto feita durante a pesquisa que ao fundo aparecia a moderna biblioteca disse que ali funcionava a fábrica de algodão onde trabalhava durante o período em que o rio secava. Outra vez, me descreveu como era trabalhar em épocas de enchentes ao ver uma foto da década de 1920, onde canoas chegavam a trafegar pelo centro da cidade. Mesmo não estando vivo nessa época, a foto despertou sua memória, relatando também que seu pai tinha trabalhado nesta mesma enchente.

Outra questão compartilhada é o estudo do tempo que perpassa a noção de memória por esta evocar o passado, o presente, o futuro: três instâncias que podem ser relacionadas ao ato fotográfico. E ainda, se o uso de fontes orais sofreu resistência para serem incorporadas ao discurso científico, a fotografia até hoje cai em descrédito nas mãos de alguns cientistas sociais.

Trabalhar com fotos antigas e produzidas por mim, levou-me a observar mudanças e transformações no espaço urbano. Podendo, assim como os canoieiros, entrar em contato com o passado visual de sua história e da cidade. *Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizadas como fontes que conectam os dados à tradição oral e a memória dos grupos estudados* (NOVAES, 2005: 110).

As intervenções urbanas que fazem parte das crônicas de vida dos canoieiros têm sua relação com a fotografia. Estas intervenções reorganizam (ou desorganizam) as mensagens e a percepção do espaço urbano. Além de inserir outras configurações no ofício dos canoieiros, as mudanças no espaço mexem com a percepção que temos, outras visualidades vão se formando: visualidades urbanas. A trama visual da cidade é modificada.

Apesar de ser uma cidade de médio porte, Sobral é alvo da realização de políticas de enobrecimento urbano, da realização dos ideais de requalificação urbana. O desenvolvimento da fotografia ao longo de sua história tem a cidade como palco e alvo dessas transformações.

A diminuição do tamanho das câmeras e a popularização da fotografia está relacionada com uma cidade que impressiona o olhar humano do início do século XX, remexendo os sentidos das pessoas. Diante do desconcerto perceptivo, a fotografia iria experimentar visualmente essas cidades e seus habitantes. Mudanças na cidade, na forma como os habitantes se relacionam: a fotografia atuando na reconversão do olhar. Apesar da ciência moderna estar evocando racionalismos e o rigor do fazer científico, a fotografia e o cinema construíram seu fazer poético nas criações sobre a realidade vivida.

É necessário dizer que em minha pesquisa proponho uma reflexão sobre a fotografia no sentido da compatibilização dos *médiuns* imagéticos e sonoros com a pesquisa social – entenda-se, questões relacionadas à prática de pesquisa e suas incursões em outras expressividades, especificamente a fotografia pensada como instrumento e como fonte de informações e futuramente um trabalho de vídeo. E outras reflexões sobre características e funções angariadas pela imagem – como a fotografia conhece, que temporalidades a envolve, ela é mais do que técnica? Ou seja, a fotografia torna-se objeto, algo é comunicado sobre ela.

Os estudos sociológicos e antropológicos direcionam seus olhares para a imagem – fixa e em movimento – e seu desempenho nos papéis de representatividade e tradução intercultural por meio de considerações metodológicas, conceituais e teóricas. Imagem pensada no âmbito acadêmico, na sua utilização por pesquisadores. Porém esses estudos são enriquecidos quando a fotografia é pensada pelo uso no dia-a-dia, como hábito da vida cotidiana e produtora de subjetividade.

Há tempos essas imagens engendraram-se nos hábitos e rituais mais simples da vida comum, deixando de ser apenas formas de representar o mundo e produzir memória – num ato de projeção futura – para se transformar em maneiras de viver o presente e legitimar a atualidade de nossas experiências. (...)

A inquietação principal deste texto repousa, portanto, na tentativa de refletir sobre como a experiência temporal pode estar presente nas mais variadas produções da subjetividade humana, especificamente no modo como criamos nossas imagens de mundo (SANZ, 2005: 14-17).

A pesquisa de Sanz (2005) é admirável em sua riqueza de reflexões e pelos referenciais do uso da fotografia na vida comum: os álbuns de família e os *fotologs*. E ao pensar na experiência temporal moderna e contemporânea e em seus desdobramentos no ato fotográfico, na fotografia como produtora de subjetividade, como ato poético, discursivo, tecnológico, material.

Colocar os meios audiovisuais como oriundos do contexto histórico-social de determinadas sociedades e sua materialização, é também afirmar que existe uma *dimensão visual do real* (MENEZES, 2005), colocando o próprio olhar como construção, fornecendo subsídios para uma relação tempo-cidade-fotografia: a produção imagética no contexto de transformações da cidade; o surgimento da fotografia e o declínio da experiência; e atualmente na cidade de Sobral, fotografia e trajetórias de vida.

Pois, se a fotografia é a “conquista fundamental de uma sociedade onde a experiência declina”, isto é, uma sociedade submetida ao choque e ao mesmo tempo indiferente dos ritmos industriais, uma sociedade, portanto, que se torna cada vez mais instantânea, a recuperação dessa experiência – como experiência do tempo – só pode se dar em um instante particular, destacado de uma série supostamente homogênea, e no qual toda temporalidade esta subitamente implicada. (LISSOVSKY, 1998: 25).

O cotidiano que me é informado pelos estudos da memória, outrora vinha a tona pelas primeiras intervenções de luz da fotografia e do cinema. Lugares, atores sociais e acontecimentos eram percebidos de outra forma.

Estudar o cotidiano com e por meio da imagem é colocá-la além do aparelho e da técnica. Não é só o registro, é uma vivência da fotografia. Colocá-la como agenciadora de conhecimento e provida de uma *anima*: suas condições de produção, sua recepção e o que ela comunica. Vejo nos sentidos aqui evocados uma aproximação com a *imagem-ato*, pensada por Dubois (1993: 15): (...) *com a fotografia não nós é mais*

possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. (...) A fotografia, em suma, como inseparável de toda enunciação, como experiência da imagem.

A imagem está inserida na dinâmica da vida social. *Outdoors* que olhamos, celulares com câmeras registrando cada momento, a imagem nas escolas e universidades, satélites, câmeras nas ruas e edifícios. Os *médiuns* visuais invadem a sociedade. A discussão antropológica, em sintonia com as manifestações visuais, deve atender para a atualidade da imagem e sua vida social e para as pessoas que diariamente se valem de fotografias da vida – de álbuns de famílias a *fotologs*, como atesta Sanz.

Voltar sua atenção para a atualidade da imagem não ofusca o caminhando trilhado pela antropologia ao lado do desenvolvimento dos recursos audiovisuais. Rouch, Mead, Bateson, Verger, são alguns importantes pesquisadores que não hesitaram em lançar mão da fotografia e do cinema, acompanhados de fundamentais reflexões. A história da antropologia, da ciência e da imagem tem vários capítulos em comum escritos, filmados, fotografados e pintados.

Quando Mead e Bateson investiram em um trabalho da envergadura de *Balinese Character: a photographic analysis*, Malinowski já arriscara algumas fotografias nas Ilhas Trobriand, assim como Flaherty no cinema, ao realizar *Nanook of the North* e Eisenstein construindo um dos instrumentos mais específicos do cinema: a montagem. Sem falar das produções fotográficas e cinematográficas da Comissão Rondon no Brasil nas primeiras décadas do século XX e dos registros fotográficos das populações indígenas de Silvino Santos, em 1899.

Até mesmo antes destes, os *pintores-viajantes* que aportavam em outras terras acompanhando cientistas do século XVIII e XIX. As artes visuais foram muito solicitadas para registrar a vida dos indivíduos além-mar durante o processo de colonização/invasão das Américas. Os desenhos dos artistas europeus que estiveram no Brasil durante a ocupação holandesa são um exemplo, como as pinturas a óleo, aquarelas, desenhos, bico de pena e gravuras produzidas por outros artistas. Ancestrais totêmicos que figuram na história das aproximações entre pesquisa e imagem, ainda com caráter ilustrativo e secundário, tornando-se a posteriori excelentes fontes de pesquisa.

Mas os diários e anotações dos cientistas não bastavam para sua ciência? A mesma ciência moderna que postulava a racionalidade e apartava a imaginação da produção do conhecimento, agregava ao seu fazer recursos que por sua natureza criam espaços para a sensibilidade, a imaginação, a subjetividade.

Desde esses tempos pretéritos a cisão entre inteligível e sensível parece ter sido parcial, assim como aceitar a condição de que a escrita não é capaz de tudo dar conta e explicar. Nos tempos contemporâneos esse projeto ainda ganha interlocutores (com as devidas reconsiderações), mesmos com os avanços. *Elas foram, sem dúvida, alforriadas e ganharam direitos de cidadania no campo da disciplina. Mas se as imagens saíram da senzala, nem por isso deixaram de desempenhar funções ancilares e se transferiram para a casa grande* (MENEZES, 2005: 40).

Talvez uma herança dessa época seja o peso dado ao estatuto de representação fiel, um espelho que reflete tal qual a imagem se apresenta. Se até hoje a imagem figura na prática de pesquisa, as possibilidades oferecidas pela sua linguagem se sobrepõe ao assento secundário que lhe é muitas vezes ofertado.

A imagem - assim como o som - deve ser considerada sob a dimensão da comunicação humana, bem como a escrita e a oralidade: um meio de observar e descrever, mediando percepções visuais e sonoras na relação humana. Imagem pensada sob o prisma epistemológico da pesquisa, do próprio ato de conhecer.

A reflexão do ato de observar, fundamental no ofício antropológico, é pensado e repensado a partir da imagética: aquilo que sucede qualquer observação com imagens, as mudanças que ora partem dela, ora passam por ela – seja de postura ou de técnica – a dimensão visual das manifestações sensíveis e o que é ressaltado por ela, além da própria função de documentação

Esse contato está ligado ao registro, à lembrança de dois olhares da atividade humana – cinema e antropologia. Resta notar as mudanças que se efetuam até hoje, absorvê-las como subsídios para uma utilização criadora da imagem e deixar tocar-se pelas sensibilidades agenciadas por esse contato.

É importante pensar também o processo social e intelectual em que se constrói o texto etnográfico. Mais ainda, a construção da experiência etnográfica com a utilização de suportes de áudio e som.

A imagem enquanto objeto e instrumento de pesquisa pode ser pensado como um meio para expandir aspectos da etnografia. A estrutura narrativa dispõe de mais uma linguagem para ser desenvolvida, a intersubjetividade e uma maior participação dos sujeitos de pesquisa é consolidado.

A propagação das pesquisas é proporcionada pela multiplicidade de meios oferecidos pelas tecnologias digitais, pelos museus e sua utilização na formação e armazenamento de arquivos, facilitando sua divulgação e consulta. Com os preços mais acessíveis e a variabilidade de equipamentos, o próprio diretor com uma pequena equipe é capaz de gravar, editar, captar o som, etc. No Brasil e em vários outros países houve um *boom* na produção documentarista. Os editais, prêmios e programas destinados ao fomento da produção audiovisual e fotográfica cresceram e os pesquisadores estão produzindo mais.

A era da comunicação visual, da cultura visual e da convergência das mídias marcam a contemporaneidade. A reflexividade entre antropologia e fotografia pode tornar a prática antropológica multimídia, fazendo o pesquisador lançar mão de vários suportes, realizando uma investigação multimídia, escrita, hipermídia. Diminuindo barreiras entre antropólogos e profissionais da imagem, expandindo os horizontes para professores e alunos, cineastas e pesquisadores de cinema que se interessam por antropologia e imagem.

Referências bibliográficas

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.

LISSOVSKY, Maurício. Sob o signo do “clic”: fotografia e história em Walter Benjamim. In: BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs). *Os desafios da imagem*. Campinas: Papirus, 1998.

MENEZES, Upiano T. Bezerra. Rumo a uma “História visual”. In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia. *O imaginário e o poético e nas ciências sociais*. _____.

NOVAES, Sylvia Caiuby. _____. São Paulo: Edusc, 2005.

SANZ, Cláudia Linhares. *Passageiros do tempo e a experiência fotográfica*: da modernidade analógica à contemporaneidade digital. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação, Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005.

VENÂNCIO, Rubens. Do diário de campo à câmera na mão: reflexões sobre antropologia e imagem. 2007. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.